

Sociedade Israelita das Sendas Antigas - SISAEN

Estudo Avançado do Calendário da Torá e do Judaísmo do Segundo Templo

Ciclo de Parashiot de acordo com o Calendário da Torá

Data Bíblica:	18 de HaMelech, 4º Mês do Calendário Bíblico Solar do ano *5786
Parashá:	Beshalách – בשלח (E foi ao enviar)
Torá:	Shemot / Êxodo 13:17 a 17:16
Haftarah:	Shoftim / Juízes 4:4 a 5:31
Ketuvim Netzarim:	Yochanan / João 6:22 a 40 (Ref: 1 Coríntios 10:1-4)
Tehilim / Salmo:	Salmo 66
Bayit Sheni & Jubileus:	Yovlim / Jubileus 2:25-32; 48-49; Testamento de Levi 8 e 18; Testamento de Gade 5; Testamento de Yehudah / Judá 18-19.

Nota Histórico-Profética: Utilizamos o mesmo ano do calendário Luni-Solar tradicional, mas de acordo com estudiosos, ultrapassamos o ano 5786 e estaríamos no limite do ano sexto milênio e as portas do sétimo milênio (Reino Messiânico).

INTRODUÇÃO AO ESTUDO PROFÉTICO

O estudo sistemático e contínuo das porções semanais da Torá assume uma relevância de magnitude incomensurável quando analisado sob o prisma cronológico do genuíno Calendário Bíblico Solar. Esta estrutura de contagem temporal baseada inteiramente nas ordenanças celestiais primitivas atua como uma chave hermenêutica essencial para decodificar os profundos mistérios proféticos que se encontram ocultos nas entrelinhas do texto sagrado e que apontam diretamente para o tempo do fim. Ao alinhar os ciclos de leitura às estações exatas estabelecidas na criação, o estudante das Escrituras é inserido em uma atmosfera de revelação contínua que transcende a mera historicidade e desvela os decretos eternos do Criador para a Sua assembleia eleita.

No epicentro desta jornada espiritual, a Parashá Beshalach se destaca como um monumento teológico que documenta a transição dramática de um povo escravizado para uma comunidade sacerdotal soberana sob a direta governança divina. Este texto não relata meramente uma emancipação de ordem física, mas descreve com precisão cirúrgica o processo de lapidação da alma coletiva de Israel, que precisava ser purgada de toda a mentalidade idólatra do Egito. A travessia do deserto transforma-se, portanto, em um cenário pedagógico e profético onde cada provação, milagre e instrução normativa visa solidificar a dependência absoluta em relação à providência do Altíssimo e preparar a nação para receber a outorga da aliança no Sinai.

Sob a ótica mística e escatológica que nos envolve, a contagem dos anos adquire uma urgência dramática ao percebermos que, conforme as pesquisas cronológicas mais rigorosas dos eruditos das Sendas Antigas, nos aproximamos celeremente do desfecho do sexto milênio da história humana. Este limiar temporal nos posiciona exatamente às portas do glorioso sétimo milênio, o Shabbáth macrocósmico que inaugura a tão esperada Era Messiânica e o estabelecimento definitivo do Reino de Elohim sobre toda a terra habitada. Compreender a Parashá neste contexto específico amplia nossa percepção espiritual, permitindo-nos enxergar que a libertação física operada no passado prefigura perfeitamente a redenção cósmica e final que está prestes a se manifestar para os santos.

A convergência literária estabelecida entre a leitura da Torá, as passagens proféticas da Haftarah e os escritos messiânicos dos Ketuvim Netzarim cria uma sinfonia teológica perfeita que aponta inequivocamente para a centralidade e a divindade do Mashiach. Longe de ser uma colagem arbitrária de textos independentes, esta estrutura de leitura reflete o padrão interpretativo utilizado pelas correntes mais piedosas do Judaísmo do Segundo Templo, que enxergavam a história de Israel como um protótipo profético. Cada elemento narrativo, desde o maná que desce dos céus até a rocha ferida no deserto que jorra águas vivas, converge harmonicamente para revelar a pessoa, a autoridade cósmica e o sacrifício redentor do Ungido de Elohim.

Ao adentrarmos neste exame minucioso, somos convidados a despir-nos dos dogmas teológicos e preconceitos ocidentais modernos para abraçarmos a rica herança exegética do Judaísmo Nazareno primitivo, que guardava a Torá sob a iluminação do Espírito. O escopo fundamental deste tratado é demonstrar que a jornada dos filhos de Israel no deserto constitui o mapa espiritual para a nossa própria caminhada contemporânea rumo ao repouso eterno do Messias. Que a leitura destas linhas ministre discernimento profundo e temor reverente aos nossos corações, capacitando-nos a compreender o tempo em que vivemos e a nos preparar ativamente para a manifestação visível da glória de Yeshua, nosso Justo Redentor.

COMENTÁRIO ANALÍTICO DA PARASHÁ BESHALACH

A Rota Mais Longa e a Coluna de Glória

A narrativa se inicia com uma revelação contundente sobre a soberania e a pedagogia divina: Deus não guia os israelitas pelo caminho mais curto, que seria a rota dos filisteus, para evitar que enfrentassem guerras prematuras e desistissem da jornada. O Eterno conhece a fragilidade da psique de um povo recém-liberto da escravidão e, por isso, traça um itinerário estratégico através do deserto, blindando-os de confrontos que poderiam levá-los ao desespero e ao retrocesso. Para consolidar Sua presença tangível e assegurar a direção correta ao longo desta longa e árdua caminhada, Ele os guiava majestosamente com uma coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite.

A Abertura do Mar Vermelho

O clímax físico da libertação ocorre quando o Faraó arrepende-se de sua concessão, mobiliza suas bigas de guerra e persegue furiosamente os hebreus até encurralá-los contra as margens intransponíveis do Mar Vermelho. Diante do desespero do povo e sob o comando direto do Altíssimo, Moisés estende seu cajado profético sobre as águas, e um forte vento oriental divide o mar, criando muralhas líquidas e abrindo um caminho seco. Os israelitas atravessam em segurança, mas quando o exército egípcio tenta imitá-los, as águas retornam com violência avassaladora por ordem divina, afogando por completo as forças do opressor e selando a vitória definitiva de Israel.

O Cântico do Mar (Shirat Hayam)

Tomados de um temor reverente e de uma alegria indescritível ao contemplarem o grandioso julgamento executado contra os deuses e exércitos do Egito, Moisés e todo o povo entoam o ***Shirat Hayam***, a Canção do Mar. Esta composição poética e profética celebra a realeza absoluta do Eterno, exalta Seu braço forte e antecipa o pavor que cairia sobre as nações pagãs vizinhas ao tomarem conhecimento de tamanho milagre. Miriam, a profetisa, lidera as mulheres com tambores e danças, imortalizando o momento em que a soberania de Elohim foi manifestada de forma irrefutável na história humana.

Provisão e Reclamações no Deserto

Adentrando as profundezas áridas do deserto, a euforia do milagre cede lugar às provações diárias da subsistência, onde o povo passa a testar a paciência divina por meio de murmurações e reclamações constantes devido à escassez. Em Mara, o Criador demonstra Sua misericórdia ao ordenar que Moisés lance uma árvore específica na água para adoçar as correntes amargas, estabelecendo ali um estatuto de cura e obediência. Posteriormente, para saciar a fome da congregação, Ele envia codornizes ao entardecer e o milagroso maná todas as manhãs, além de fazer brotar água cristalina diretamente de uma rocha ferida em Refidim.

O Ataque de Amaleque

A fragilidade espiritual provocada pelas contendidas em Refidim abre brecha para o surgimento do primeiro inimigo militar: o povo de Amaleque, que ataca covardemente os israelitas pelas retaguardas, visando os mais fracos e cansados. Sob a liderança militar do jovem Josué no campo de batalha e sustentado pelas orações intercessórias de Moisés no topo do monte — cujas mãos eram erguidas por Arão e Hur —, Israel prevalece e vence o exército inimigo. Este confronto adquire uma dimensão eterna, pois o Eterno jura apagar a memória de Amaleque e decreta guerra perpétua contra o espírito amalequita de geração em geração.

A HAFTARAH E O CÂNTICO DE DEBORAH

A seleção profética da Haftarah em Juízes conecta-se magistralmente com a Parashá ao descrever a monumental libertação de Israel do jugo opressor do rei cananeu Jabim,

sob a liderança inspirada da profetisa e juíza Deborah e do comandante Baraque. Assim como no Êxodo, a vitória não é obtida por força militar humana, mas por uma intervenção cósmica e milagrosa do Criador, que confunde os exércitos inimigos liderados por Sísera e entrega a glória final nas mãos de uma mulher chamada Jael. O Cântico de Deborah ecoa com precisão teológica o Cântico do Mar, celebrando o triunfo do Deus de Israel sobre os poderes gentílicos e a redenção de Seu povo.

Esta correlação profética reforça a imutabilidade do padrão divino de salvação através das eras, demonstrando que o Altíssimo levanta intercessores e líderes corajosos nos momentos de maior opressão para manifestar Seu braço forte. No contexto do Segundo Templo, essa passagem era lida como uma garantia absoluta de que, independentemente da magnitude do império opressor da vez, a soberania de Elohim interviria no tempo determinado. A celebração lírica da Haftarah funciona como um memorial de fidelidade que aponta para o cântico definitivo que os remidos entoarão no fim dos tempos, celebrando a vitória do Messias.

OS KETUVIM NETZARIM E A IMERSÃO PROFÉTICA

Nos escritos dos Ketuvim Netzarim, especificamente em João 6, Yeshua contextualiza o milagre do maná do deserto ao revelar-se categoricamente como o verdadeiro Pão da Vida que desceu do céu para dar vida ao mundo. O Messias corrige a miopia espiritual da multidão ao explicar que não foi Moisés quem deu o pão, mas sim o Pai Celestial, e que a subsistência física provida no deserto era apenas uma sombra profética da nutrição espiritual eterna que Ele próprio personifica. Esta revelação conecta-se profundamente com o Judaísmo Nazareno, que enxergava em Yeshua a substância real de todos os milagres e provisões vivenciados pela congregação no deserto.

Esta compreensão ganha uma amplitude monumental quando associada à revelação de Shaul HaShaliach em 1 Coríntios 10, onde ele afirma categoricamente que nossos pais foram todos imersos na nuvem e no mar sob a liderança de Moisés. O emissário explica que os israelitas comeram do mesmo alimento espiritual e beberam da mesma rocha espiritual que os acompanhava, declarando com todas as letras: "e a rocha era o Mashiach". Sob a perspectiva nazarena, a travessia do Mar Vermelho foi uma imersão (**Tevilah**) coletiva na autoridade da palavra divina, e a coluna de nuvem representava a própria habitação da presença messiânica.

TEHILIM, MAFTIR E A LITERATURA DO SEGUNDO TEMPLO

O Salmo 66 corrobora perfeitamente esta teologia da libertação ao convidar toda a terra a contemplar as obras tremendas de Elohim, mencionando explicitamente o milagre de transformar o mar em terra seca para a travessia a pé. Este hino litúrgico era recitado no Templo como um poderoso ato de lembrança nacional e louvor individual, reforçando que os julgamentos do passado continuam ativos como fonte de fé e libertação para as gerações presentes. No âmbito do Maftir e da leitura conclusiva,

reitera-se a responsabilidade de Israel em manter-se santo e separado, guardando os memoriais da redenção como mandamentos perpétuos na caminhada em direção à Terra Prometida.

Ao examinarmos o livro de Jubileus e o Testamento dos Doze Patriarcas, deparamo-nos com a rica e complexa angelologia e escatologia do Judaísmo do Segundo Templo, que lança luz sobre os bastidores espirituais da Parashá. Em Jubileus, aprendemos que as festividades e ordenanças do Sábado e da Páscoa foram preestabelecidas nas tábuas celestiais e que o Anjo da Presença guiou ativamente Moisés no deserto. Os Testamentos de Levi, Gade e Judá revelam a ardente expectativa de uma liderança messiânica de dupla linhagem — sacerdotal e real —, que purificaria o santuário, destruiria o poder de Amaleque/Beliar e restauraria a justiça perfeita sobre a terra.

A ELOHUT DE MASHIACH NA PERSPECTIVA NAZARENA

O ponto culminante deste estudo reside na compreensão da **Elohut** (Divindade) do Mashiach, uma doutrina que não nasceu em concílios gentílicos posteriores, mas que estava profundamente enraizada no Judaísmo Nazareno e nas correntes místicas do Segundo Templo. Yeshua não é visto meramente como um mestre humano ou um profeta ungido, mas como a própria manifestação visível da Palavra Viva (**Memra / Logos**) do Pai, o agente da criação e a personificação da Glória Divina (**Shechinah**) que habitava na coluna de fogo e nuvem. Ele é o "Eu Sou" que dialogou com Moisés, a Rocha Eterna que verteu água para saciar a sede de Israel e o verdadeiro sustentáculo que preservou a nação no deserto.

Ao afirmar em João 6 que Ele desceu do céu para fazer a vontade daquele que O enviou e que ressuscitará os crentes no último dia, Yeshua reivindica prerrogativas e atributos que pertencem exclusivamente ao Criador. No limiar profético do fim do sexto milênio, esta verdade brilha com clareza apocalíptica: o mesmo Mashiach que operou os milagres do Êxodo e que se revelou nas tradições do Segundo Templo está prestes a retornar com poder e grande glória para inaugurar o Sétimo Milênio. Diante disso, a Sociedade Israelita das Sendas Antigas reafirma a divindade e a soberania eterna de Yeshua HaMashiach, convocando todos os fiéis a retornarem às raízes puras da fé bíblica e a se prepararem para o Reino vindouro.

Moré Azarias Ben Elyahu

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA. *Texto Massorético (Torá, Nevi'im, Ketuvim)* e escritos dos *Ketuvim Netzarim (Evangelho de Yochanan, 1 Coríntios)*.
- LIVRO DOS JUBILEUS (Yovlim). In: *Apócrifos e Pseudo-epígrafos do Antigo Testamento*. Tradução e notas críticas do Judaísmo do Segundo Templo.
- TESTAMENTO DOS DOZE PATRIARCAS (Testamentos de Levi, Gade e Judá). Documentos e Manuscritos do Mar Morto (Qumran).
- ESTUDOS CRONOLÓGICOS DO CALENDÁRIO BÍBLICO SOLAR. Arquivos de Pesquisa Avançada da Sociedade Israelita das Sendas Antigas (SISAEN).